

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, OUTUBRO/2000- ANO IV - Nº 45

EDITORIAL

Um clima de otimismo e esperança pôde ser constatado na maioria dos piquetenses, após as eleições de 1º de outubro. Todos aguardam dos eleitos mudanças no modo de administrar o município.

O resultado das urnas foi surpreendente – o eleitor está cada vez mais consciente da importância de seu voto e quer mudanças na maneira de fazer política. O amadurecimento do eleitorado fez com que nossa Câmara fosse renovada em mais de 90%. A surpreendente mudança faz aumentar ainda mais a responsabilidade dos eleitos, que deverão honrar os votos e compromissos assumidos durante a campanha eleitoral. A lição das urnas para os eleitos que exercerão, pela primeira vez, a função legislativa, é que o eleitorado está atento ao desempenho de cada um deles e que serão avaliados ao final dos quatro anos de mandato.

O País vive um momento histórico. A busca pela moralidade pública é uma bandeira desfraldada por todo o território brasileiro, e estas eleições apontaram para um amadurecimento do eleitorado, que espera do Legislativo um resgate da sua importância, e que antigas distorções na maneira de legislar sejam corrigidas. Assim, distribuição de cestas básicas, medicamentos e transporte de doentes não resultam mais, obrigatoriamente, em votos. Ainda hoje, o vereador confunde seu papel, deixando de formular propostas para o município, trocando o apoio ao prefeito por pequenos favores, a maioria das vezes de seu interesse particular, com os quais praticam um assistencialismo que lhe garante votos.

Nesses dois meses que antecedem a posse, seria interessante que os novos vereadores estudassem a Lei Orgânica do município, em que está explicitada a competência e função do cargo.

Espera-se da próxima Câmara que os vereadores se preocupem com assuntos relevantes, que legislem, fiscalizem e proponham ações para o coletivo. Que mantenham uma postura ética na maneira de legislar. Assim, as sessões de Câmara tornem-se produtivas, atraindo público e deixando de ser palco para verborréia e destemperos improdutivos, que só afastam os munícipes.



Represa Marechal Argollo, na reserva de Mata Atlântica da Fábrica Presidente Vargas, em Piquete.

Um parque para Piquete

As questões relacionadas ao meio ambiente dizem respeito a todos nós. De uns anos para cá, devido aos constantes agravos à natureza, o homem começou a se preocupar com a perda deste patrimônio e, consequentemente, com a piora da qualidade de vida.

Em Piquete, muitos visitantes ficam encantados com a cidade. Acostumamo-nos a olhá-la sem percebê-la, eles não. A beleza estampada na Serra da Mantiqueira é impressionante e a sombra verde que a cobre ainda mais. O que muitos destacam é a proximidade da cidade e do verde. Se passam pela área da Estrela, ficam surpresos: uma floresta se encontra com um bairro da cidade, de forma pouco usual, graças, é claro, à presença da IMBEL e de sua vontade de preservar. Entretanto, sempre indagam como é que uma cidade com tais características não aproveita esses espaços. Se pararmos para pensar, é difícil responder. Temos tudo a mão: a mata, as ruas, os rios, a vontade por parte da IMBEL, o interesse dos moradores, a ausência de áreas de lazer, a política preservacionista do Estado e das ONG's etc. O que falta, então? Falta o empenho das autoridades constituídas no sentido de construir um Parque Municipal ou mesmo algo mais abrangente. A FCR já desenvolveu uma idéia base de aproveitamento dessas áreas, para a construção de um centro, que chamamos CEDECO, cuja principal finalidade é a educação ambiental,

mas que também seria uma área de lazer, ecoturismo e centro de recuperação ambiental. A idéia tem sido estudada, repensada e trabalhada por filhos de Piquete nos seus trabalhos de pesquisa desenvolvidos nas universidades e institutos de nosso Estado. Parece que tudo é muito fácil, mas não é. A implantação exige recursos, nem muitos nem poucos, mas necessários. Existem muitos órgãos financiadores de trabalhos nessa área: fundações, institutos, bancos e empresas privadas. O Estado destina dinheiro para esse fim, o Governo Federal também. E novamente a questão: o que falta, então? E novamente a resposta: É preciso, em primeiro lugar, o interesse das autoridades municipais, executiva e legislativas, agindo em uníssono para esse fim. Os financiadores buscam o respaldo ou parceria das autoridades locais. Quando olhamos a composição da nova Câmara Municipal e o prefeito eleito, uma esperança descortina-se diante de nossos olhos. Abraçar a questão é demonstrar ao eleitor que o voto não foi em vão e que estão realmente preocupados com atitudes concretas. A FCR está aberta a todos os candidatos eleitos e cidadãos que queiram discutir com ela o assunto para, quem sabe, num futuro não muito distante, podermos contar com um parque para Piquete, preservando o patrimônio ambiental e melhorando a qualidade de vida dos piquetenses.

Imagem - Memória



Paroquianos piquetenses em Romaria a Aparecida. Ao centro, o Padre Oswaldo Barros Bindão. Foto de 21 de abril de 1936.

Romaria a Aparecida

Com o “achamento” da imagem milagrosa de Nossa Senhora Conceição Aparecida, em outubro de 1717, tiveram início as peregrinações até Ela. Piquete tornou-se, desde aquela época, passagem natural de peregrinos que, dos mais distantes rincões de Minas, dirigiam-se até a Imagem, para sua veneração.

Durante todo o ano, romeiros cruzam nossas estradas. Mas é no mês de outubro que as romarias se intensificam. Nos primeiros anos, vinham a pé. Mais tarde, a cavalo, acompanhando tropas, dormindo em ranchos, com os tropeiros. Meses antes da viagem havia a preparação, com arregimentação dos peregrinos. Muitos fiéis, para pagamento de graças alcançadas, convidavam amigos que se somavam aos familiares, para cumprimento da promessa. Distribuíam funções e se organizavam: roupas, mantimentos e utensílios domésticos eram acondicionados em canastras, bruacas ou jacás. Raramente levavam crianças. Para se proteger da chuva e do frio da serra levavam uma capa grossa e impermeável que, em boas condições de tempo, ficava enrolada e amarrada na garupa do animal. À noite, servia de cobertor. A viagem era longa e cansativa: durava dias, mas a fé dos romeiros superava todas as dificuldades. Atingir o topo da serra, para quem vinha dos longes das Gerais, era uma conquista. Do alto, podi-

am vislumbrar a imensidão do Vale e contemplar, bem distante, um ponto branco às margens do Paraíba, localizando, com muito custo, o povoado e a Capela de Nossa Senhora. Esta visão os animava a continuar a peregrinação.

Cá em baixo, em Piquete, ao longo do caminho, havia muitos ranchos e pousos, onde os romeiros, muitas vezes, se acomodavam. Famosos os do capitão José de Brito, junto a sua fazenda, a São José, no pé da Serra, o da Maria da Silva, onde hoje se localiza a Vila Célia. E o maior e mais movimentado, o da dona Mariana Relvas, junto ao seu armazém. Após pernoite e descanso dos animais, seguiam animados nas primeiras horas da madrugada.

Os romeiros seguiam sempre cantando, rezando o terço e saudando, com vivas, Nossa Senhora. Com isso passavam as horas, amenizavam o cansaço e encurtavam as distâncias. Com a advento do automóvel e a melhoria da estrada na serra, as romarias passaram a ser feitas em caminhões cobertos por lona e com assentos de madeira adaptados. Traziam de trinta a quarenta passageiros, muitos com crianças no colo. Nas paróquias, muitos padres e irmandades organizavam essas romarias, das quais faziam parte famílias inteiras. Hoje, com a diversidade de transportes, mudaram-se os hábitos, mas a fé e a peregrina-

ção continuam muito vivas.

Apesar das facilidades, muitos continuam, como nos primeiros tempos, a vir a pé, peregrinos tangidos pela devoção.

Confessar-se e participar da missa fazem parte do ritual, bem como uma foto no “lambe-lambe” – podendo escolher como fundo entre a imagem de Nossa Senhora Aparecida e a Igreja ou o porto de Itaguaçu – e a compra de imagens e outras lembranças religiosas para os devotos que não puderam acompanhá-los. Basta um passeio pelos álbuns de fotografias das famílias e encontrar-se-á uma imagem registrando um momento de fé na Padroeira do Brasil.

O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:

José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:

Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:

Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:

Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:

Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE**Seu Benfica**

Residindo em Piquete há mais de 60 anos, o Sr. Gabriel Benfica Nunes, mineiro de Aiuruoca, nasceu em 11 de novembro de 1919, primogênito do casal José Waldemar Nunes e Noêmia Benfica Nunes. Após ter concluído os estudos como interno no Colégio dos Irmãos Maristas, em Varginha, mudou-se para nossa cidade, residindo na fazenda do Sr. Heitor Vilela. No final de 1941, teve início a contratação de operários para a abertura do trecho da estrada de rodagem Lorena-Itajubá, na Serra da Mantiqueira. A paixão pelo trabalho na estrada, iniciado como nivelador em 12-10-41, pode ser aferida pelo brilho nos olhos, quando, emocionado, relembra fatos pitorescos e pessoas com as quais conviveu durante esse período. As dificuldades no trabalho foram inúmeras. A estrada, em Piquete, foi dividida por companhias construtoras e ele trabalhou no trecho da Serra. O trecho da pedreira, local em que as rochas tiveram que ser explodidas e construído um imenso paredão, foi o mais crítico. Recorda, também, que todo trabalho na serra foi manual e que os homens contavam com o apoio de inúmeras carroças puxadas por burros adestrados: caminhavam sozinhos, uma carroça atrás da outra, puxando terra. Com boa memória e bom de prosa, os fatos vão sendo narrados sem que percebamos o passar do tempo. Com o término dos trabalhos da estrada, passou, automaticamente, a trabalhar no DNER - Departamento Nacional de Estradas de Rodagem -, em que se aposentou.

Durante os primeiros anos do trabalho na estrada, Seu Benfica residiu na Pensão de Dona Eva Chaves, um casarão em frente à antiga Matriz de São Miguel. Um dia, recorda ele, estava à janela quando passou, em direção à igreja, a moça mais bonita da cidade. Foi paixão à primeira vista. A moça, Eunice Ferreira, que era freguesa de costura de Dona Eva, aceitou a corte. Foram dois anos de namoro e mais dois de noivado, casando-se em 1946. Tiveram cinco filhos: Noêmia, Gabriel, Eduardo, Nilce e Eunice.

Em 1951, ingressou na vida pública. A convite do Sr. Luiz Arantes Júnior (seu Zizinho), e de Christiano Alves da Rosa, aceitou concorrer ao cargo de vice-prefeito. Como o voto não era vinculado, foi eleito para vice-prefeito do Sr. Geraldo



Alves. A partir daí, por dezesseis anos, esteve à frente da política municipal. De 1955 a 1959 foi vereador, reeleito até 1963. Nesse período, foi Presidente da Câmara e, nas eleições de 1963, novamente eleito vice-prefeito, agora com o Sr. Christiano Rosa.

Nas áreas em que atuou sempre foi funcionário exemplar, cumpridor dos deveres, assíduo, honesto, firme e disciplinado, sem jamais ser autoritário, admirado e respeitado por seus subordinados.

Quando do término das obras da estrada, o chefe da "CEO-5", Ten. Cel. Bertoldo Paulo Derengonsk, deixou registrado o elogio: "... É o elemento do qual depende em grande parte o sucesso observado nos trabalhos da Rodovia Lorena - Itajubá, ao qual tem destinado o melhor dos seus esforços e de sua própria vida, tal o amor dedicado às obras que realiza. Difícil de se definir melhor, constitui um apoio inestimável com que a chefia da Comissão tem contado para bem se desencumbrir dos trabalhos rodoviários a seu cargo. Agradeço a excelente colaboração prestada à minha administração."

Entre as muitas homenagens, recebeu do DNER diploma de "Honra ao Mérito" e da municipalidade piquetense, o título de "Cidadão Honorário de Piquete".

Operários trabalhando no trecho mais crítico da construção da Rodovia Lorena - Itajubá. Foto do início dos anos 50.



Foto arquivo Pro-Memória

IPT mapeia áreas de risco no Vale do Paraíba

Um decreto-lei do governo do Estado prevê um plano preventivo de Defesa Civil para Escorregamentos, com o objetivo de evitar desmoronamentos e catástrofes.

Nesse sentido, foi iniciado um mapeamento das áreas com risco iminente de acidentes no Vale do Paraíba e na Serra da Mantiqueira.

Com base nesses levantamentos, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas - IPT - irá elaborar um plano de prevenção. Esse plano é uma extensão dos trabalhos já realizados no Litoral Norte e Sul do Estado.

Piquete, ao lado de Campos dos Jordão, Queluz, Aparecida e São José dos Campos, será visitada por técnicos que farão uma avaliação e mapeamento dos riscos existentes na cidade. Informações da Defesa Civil do município, de bombeiros e de jornais do Vale do Paraíba serão usadas como base para a definição das áreas a serem visitadas. Também serão levados em conta dados dos índices pluviométricos dos últimos anos e a previsão do tempo.

Dessa forma, será estabelecido um patamar crítico de chuva. Quando esse patamar for atingido, a Defesa Civil de cada município iniciará um monitoramento das áreas mapeadas e providências, como a possível retirada temporária dos moradores da área, serão tomadas. É previsto também o treinamento de voluntários para o serviço de Defesa Civil.

Piquete precisa ficar atento às contruções em áreas de risco, bem como iniciar um projeto de recuperação de encostas, com o plantio de árvores. Esse projeto deve ser prioridade da administração municipal. Não podemos deixar para tomar providências depois que as tragédias já tiverem acontecido. É preciso aproveitar a vinda dos técnicos do IPT a Piquete e se determinar os meios mais eficazes a serem usados. Somente assim evitar-se-ão tragédias como as previstas nos planos do IPT e da Defesa Civil.

Trecho de encosta da Mantiqueira desmoronado pelas chuvas de janeiro deste ano, em Piquete.



Foto arquivo Pro-Memória

Memorial dos Moradores de Piquete - 8

As três irmãs

Encantaram-se com Piquete. Aqui vinham felizes para passar uns dias de férias.

Lúcia, a mais nova delas, casara-se com Francisco, moço de família piquetense que fora para São Paulo buscar novos horizontes.

Rosa, Ana e Lúcia formavam um trio de moças de origem italiana, laboriosas e detentoras de grande habilidade artesanal. Desde cedo trabalharam muito. Nas primeiras décadas do século, moças de família aprendiam e executavam, manualmente todos os trabalhos domésticos. Casavam-se cedo e constituíam família. Aprendiam, ainda em tenra idade, a ser boas esposas e mães, avós e tias, nos labores do dia inteiro, pressurosas, dedicadas e prestimosas. Não dispunham de tempo ocioso. As panelas e louças brilhavam nas cozinhas. Os quitutes, bem elaborados, demandavam tempo e paciência. As crianças eram parte de uma constelação familiar homogênea. Educadas nos ditames da tradição, religião e dotes da prosperidade da vida bem orientada, encaminhavam-se para a reprodução do que os costumes aprovavam.

Lúcia, Ana e Rosa, além de eficientes donas-de-casa, sabiam costurar, bordar e executar as artes domésticas dos tecidos bem elaborados nas muitas agulhas e linhas. Uma enorme soma de horas era requerida por suas obras de arte: por exemplo, um vestido bem talhado, costurado e arrematado, do qual Rosa era a supra-suma executante. Modista de primeira linha, as clientes eram da nata da sociedade. Dias e noites de intenso labor revertiam-se nos tecidos nobres, na excelência de um corte bem dirigido. Os vestidos de noiva, deslumbramentos! O enxoval completo - uma coleção de obras raras. Os avessos, perfeccionados pelo acabamento, perfeitos. O detalhe contava, e muito!

Ana e Lúcia sabiam bordar, arrematar e costurar rendas à perfeição. As lingerie saíam de suas mãos como jóias preciosas e, como tais, eram admiradas. As rendas francesas, compradas nas afamadas lojas da velha Rua Direita, em São Paulo, como a "Tecelagem Francesa", brilhavam nos fios entrelaçados de fina trama junto dos cetins "duchesse" de suaves tonalidades. Neles, reinava do branco-pérola ao azul-celeste e ao rosa-bebê, em contrapontos com o negro avassalador.

A constelação infantil

Lúcia e Francisco não tiveram filhos.

Rosa e Ana, cada uma, o seu único.

Nossas idades se equivaliam às dos meninos e nos tornamos, eu e meus primos, companheiros deles em empreitadas folgazãs e livres em Piquete. Às vezes vinha, trazida por elas e meu tio, gente de outras famílias. Havia uma disputada mistura paulista e carioca, pois Francisco e Lúcia passaram a morar no Rio, na inesquecível Rua Mariana Portela que, na infância, frequentei assiduamente. Em Piquete, Rosa e Ana, de São Paulo; Francisco e Lúcia do Rio, compareciam trazendo, muitas vezes, um futuro professor e um futuro almirante. Todos cumpriram seus destinos. Lá na Mariana Portela, misturamo-nos a futuros engenheiros, médicos, um destinado coronel da Aero-

náutica, donas-de-casa, professores, capitão-de-corveta, brigadeiro, gente que já morreu e gente que foi para longe. E gente que está por lá até hoje. A casa de tia Lúcia era nosso ponto de encontros, principalmente pela boa acolhida, os doces e bolos caprichados. E também umas inesquecíveis cocadinhas e uns bolos cobertos de apetitosas fatias de abacaxi...

As belas irmãs faziam-nos vestidos lindos, gostando de enfeitar-nos a mim e a minha diletta prima, mas também davam carona à priminha mais de longe, desejosa das benesses que recebíamos.

Em Piquete, quando Rosa, Lúcia e Ana chegavam, as mulheres corriam a solicitar-lhes os préstimos das costuras. E Rosa, que buscava o descanso, lá estava a cortar, marcar e ensinar a continuação para o acabamento.

Quando vovô morreu, aqui estavam a compartilhar a saudade e a perda, e a costurar os vestidos do luto das mulheres adultas. Usava-se luto fechado e prolongado. Vestidos pretos, faixa de luto nas lapelas e até tarja nos envelopes das correspondências.

Lúcia e Francisco voltaram a residir em São Paulo.

Passei então a frequentar, na capital paulista, as casas das três irmãs. Ana, funcionária do Tribunal de Justiça, levou-me lá muitas vezes. Assisti a vários tribunais de Júri, que me pareceram de uma solenidade incrível. Um deles particularmente chamou-me a atenção: o julgamento de um grupo de imigrantes japoneses, membros de uma sociedade ultra-secreta, a Shindô Renmei. Os componentes dessa organização política atacavam e matavam quem ousasse alardear que o Japão fora derrotado na 2ª Guerra Mundial e que o Imperador perdera, por imposição dos vencedores, o privilégio de ser divinizado. Para eles, não só o Imperador era divino, mas os que lutavam em seu nome eram invencíveis. Assim, a Shindô Renmei, (Liga do Caminho dos Súditos) radicalizou suas atividades assassinando os que acreditassem na vitória aliada. Em seguida, o autor do assassinato se entregava às autoridades policiais. A dramaticidade desse julgamento deixou-me impressionada: o líder, em depoimento, era de uma impassividade impressionante. Os veludos das cortinas e dos estofados rubros das cadeiras abafavam as vozes. Magistrados e advogados, de toga, encaminhavam a sessão. Assisti parte do julgamento que durou muito tempo. Mas, também comi os deliciosos e finos doces fornecidos por buffet de renome, que, na copa do Palácio da Justiça, aguardavam os verdadeiros destinatários. A prodigalidade da copa do Palácio era realmente tentadora! As imagens dos japoneses ficaram marcadas indelévels, tanto a do líder em julgamento, como as das testemunhas. Não cheguei a ver o desfecho.

Li que Fernando Moraes está escrevendo esta história. Aguado, ansiosa. Fui longe na minha memória, talvez porque escrevo ouvindo belíssimos cantos gregorianos e a tarde enevoadas convida a memoriar.

Para minha tia Lúcia dedico esta página, e às suas irmãs, em memória, no carinho gostoso de lembrar. **Dóli de Castro Ferreira.**

Mulher

Insondável criatura.

Múltipla e única.

Síntese de todo bem e todo mal.

De mistérios e sonhos é vestida.

E se derrama líquida de luar.

Favo de mel, torrão de sal.

Santuário de rosas, frutos e segredos.

Mãos que tecem ninhos de ternura.

Canto vivo das ramagens.

Voz de flores matinais.

Equívoca criatura,

Lambe as próprias feridas

no silêncio que mastiga,
em solidão.

Conhece abismos e medos.

Com forças primitivas

represa os anseios de asas a ruflar.

Vaga entre nuvens e estrelas.

Voa infinitos,

com os pés cravados no chão.

Myrthes Mazza Masiero.

Canto do paraíso prometido

Lá está meu canto

Entre o canto dos pássaros

Em árvores que dançam

Ao som do livre vento.

O vento incessante vagueia meu canto

E todos os pássaros correspondem

Emitindo doces notas de um paraíso

/encontrado

Num céu de esperanças sublimes.

Átrius Presencians

Uma rosa no jardim do senhor

Dulce Bittencourt D'Amico

No coração, uma punhalada.

Na alma, um corte profundo.

A lágrima dói uma dor doída.

Na garganta, o sufoco de um grito;

e, no silêncio, o vazio escuro,

indescritível e endoidecedor.

Mas, o consolo do abraço amigo é a certeza de que viveu

profundamente e com muito amor.

Missão muito bem cumprida, graças a Deus!

- A todos que nos manifestaram

emoção, Deus lhes pague pela

oportunidade de nos fazerem

perceber como ela "É" amada!

- Senhor, cuida bem de nossa rosa -

símbolo perfumado de amor e

dedicação!

D'Amico e Laurinha

Fundação Christiano Rosa recebe equipe da TV Vanguarda Paulista



Foto arquivo Pro-Memória

Da esquerda para direita: Dr. Antônio Carlos, da FCR, Francisco Vieira, “caboman”, o jornalista Rogério Corrêa, Dalton e Diana Valeriano e o “câmeraman”, Fernando Alves, durante visita à reserva de Mata Atlântica da Fábrica Presidente Vargas, em Piquete.

A Fundação Christiano Rosa recebeu, no dia 16 de outubro, uma equipe da TV Vanguarda Paulista, tendo à frente o jornalista Rogério Corrêa, para uma visita à reserva de Mata Atlântica da IMBEL/FPV, com a finalidade de obter depoimentos e imagens para a série “Caminhos da História”, apresentada pela emissora.

A visita também contou com a presença dos biólogos Dr. Dalton de Morrison Valeriano e Dra. Diana Valeriano, que reafirmaram a importância desse fragmento de mata e a exuberância das espécies animal e vegetal nela existentes.

“Caminhos da História” vem apresentando reportagens sobre temas alusivos à história, cultura, tradição e desenvolvimento do Vale do Paraíba e faz parte do projeto

Brasil 500 anos, iniciativa da Unisal, de Lorena, em parceria com a TV Vanguarda Paulista.

No último episódio da série, que irá ao ar em novembro, o tema será Modernidade.

Nesse sentido, tendo-se em mente que não poderemos ter um Vale do Paraíba com tecnologia de ponta sem um meio ambiente equilibrado e com água abundante, faz-se necessário o crescimento do terceiro setor, o qual será fundamental para fomentar ações voltadas para a preservação do meio ambiente.

A FCR, como exemplo de organização não governamental, foi convidada a participar do programa mostrando a reserva da IMBEL/FPV em nossa cidade.

Durante a visita, a presidente do

Conselho da Fundação Christiano Rosa, arquiteta Ana Maria de Gouvêa, explicou ao jornalista Rogério Corrêa que o Meio Ambiente sempre foi uma das principais preocupações da FCR, que já conta, inclusive, com um anteprojeto para a reserva da IMBEL. Ficou claro, também, para o jornalista, que a FCR sempre procurou parcerias para dar continuidade aos seus projetos e que a presença dos doutores Dalton, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE) e Diana Valeriano, da Universidade de Taubaté (UNITAU), é uma prova desse contato permanente para a melhoria e alavancagem de projetos.

O Dr. Antônio Carlos, diretor executivo da FCR, em entrevista, esclareceu ao jornalista a importância do chamado “terceiro setor” no próximo século. Questionado sobre como Piquete se encaixaria num programa sobre Modernidade, respondeu que não haverá futuro se não cuidarmos de nosso meio-ambiente. Complementando, disse que “... a água será uma das principais riquezas estratégicas do próximo século e assegurar a qualidade de vida e o desenvolvimento econômico sustentável exige, nos dias de hoje, uma gestão racional dos recursos hídricos.”

A participação de Piquete nessa série é de grande importância para nossa cidade, já que mostrará para o Vale do Paraíba os exemplos de iniciativa da IMBEL, com a preservação de uma reserva de mata atlântica e o da busca de parcerias entre entidades não governamentais e institutos de pesquisas e universidades, visando ao bem comum.



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória

A Presidente da FCR, arquiteta Ana Maria de Gouvêa, o diretor executivo Dr. Antônio Carlos Chaves e o Dr. Dalton Valeriano, do INPE e Dra. Diana Valeriano, da Unitau, sendo entrevistados pelo jornalista Rogério Correa, para programa da Rede Globo - Vanguarda Paulista.

“Quando a humanidade despertar de seu sonho de poder e sair do centro do universo onde tem se colocado, quando se harmonizar com as outras formas de vida, poderemos falar em sobrevivência para nossa espécie.”

Roberto Antonelli Filho

Dusa

Marúscia da Silva

“Na infância os adultos nos parecem tão fortes e dotados de poderes, nunca delegados a nós, pequenas âforas de sonhos.”

Os dedinhos miúdos labutavam irritados, sentindo todo o ardor do insucesso, lágrimas umedeciam as pálpebras, mas eram orgulhosamente contidas. Olhos, mãos, pensamentos e decepção completavam a figura.

Sentada à beira da calçada, Dusa, um pé descalço e o objeto de tanta concentração: um chinelo, tendo sua correia indomável solta, rindo largamente do infortúnio. A pequena, inconformada, levantando-se de um salto, corre portão adentro, deixando atrás de si a algazarra promovida pelas outras crianças que saltavam e gritavam tentando pegar o capim enegrecido que caía do céu.

Que felicidade as queimadas nos pastos: traziam aos espíritos inquietos que povoavam aquela rua, aquela república universal da infância.

Diante dos olhos de ingenuidade de Dusa e dos apelos que atropelavam suas palavras, sempre tão sábias e de erudição própria dos seus seis anos, o Pai: fazedor de mágicas, tão grandes como sua própria estatura.

– Papai, papai... acho que não tem mais conserto, bela droga essa sandália, e o pior e que me deu um baita tombo. Olhava desconsoladamente para os joelhos esfolados e pretos de fuligem.

– Calma, donzela! Eu tenho uma mágica, própria para chinelos de correias. Observe atentamente cada movimento, e vupt...! eis seu sapato, encardida cinderela.

E os olhinhos que acompanhavam avidamente o movimento velado das mãos do Pai tornaram-se impacientes, e erguendo as mãos num gesto de impotência, falou com consternação, sentindo-se realmente enganada.

–Mas papai... você não me deixou ver, continuo não sabendo como devo fazer!

Papai pensou e num sussuro confidenciou:

–Só assim terei chance de socorrê-la, outras vezes. O que, aliás, a cada dia se torna mais difícil. Sabe por quê? A minha Dusa, está crescendo e fazendo tudo sozinha.

– Crescendo, crescendo só se for nos pés. Falou quase consigo mesma, e passou a observar detidamente os pés, movendo imperceptivelmente os dedos pequenos e gordinhos.

–Eu continuo na mesma marca da parede, não cresci nem um tiquinho. E acho que não vou crescer nunca, também. Não quero mesmo. E mentalmente fazia um paralelo entre seu tamanho e o dos amigos da rua. Diante de seus olhos desfilavam imagens de Leco, Caio, Pedro, Lúcia e Bira. Constatando, finalmente, que todos eram maiores do que ela.

– Vai crescer sim! E ficar tão bela quanto um sonho.

– Mas... vou saber arrumar chinelo?
– Vai.
– Vou poder trocar a água dos passarinhos e até entrar na fila da comunhão, na missa do domingo?

– Meu amor! Você poderá fazer tantas coisas que sequer imagina.

Diante da expectativa de realizar outros desejos, seus lábios abriram-se num meio sorriso, com sabor de emoções futuras que lhe atiçavam a alma, e os pensamentos passavam numa velocidade voraz, trazendo a mesma sensação que antecede uma viagem para a casa dos avós. Arrematando, com ar solene, mas que beirava a ansiedade, enumerou o que mais gostaria de fazer.

– Quero alcançar o armário de espelho do banheiro e andar de bicicleta sem as mãos, igualzinho ao Leco. E novamente lhe veio à mente imagens do querido Leco, seu amigo predileto. Dois anos mais velho, comprido e desajeitado, dispensava à garota um tratamento diferente, cheio de atenções e sempre moldado em sorrisos, coisa rara no que se referia ao menino. Ele gostava de desafiar o perigo, só para impressioná-la. E perigo, na mentalidade da turminha, era pendurar-se de cabeça para baixo no galho da goiabeira, andar de bicicleta sem as mãos, provocar o mal-humorado Nero e ir à noite ao campinho pegar vagalumes. E Leco fazia isso tudo, e muito bem, e ainda guardava cuidadosamente os vagalumes em vidros, e no dia seguinte, exibia a todos, com orgulho. Mas bastava a pequena Dusa balbuciar um “Ah! Coitadinhos!”, para serem depositados cerimoniosamente entre as florezinhas do jardim

– Deixa eles viverem acendendo e apagando, é disso que eles gostam, dizia ternamente.

Despertando de suas divagações, completou seriamente:

– Queria também não sentir tanto medo do Nero; você sabia que ele correu atrás do Pico e quase mordeu o bumbum dele?

– Querida, ele não é mau. Vocês infernizam a vida do pobre cão e não querem que ele se defenda?

– Pobre cão, nada! pensou Dusa. Ele é infernal; palavras do Seu Miguel, um vizinho esquisito, que um dia falou que Nero colocou fogo em Roma. Isso, sim, é um horror, um cachorro que põe fogo em Roma. Mas nem podia contar para o pai. Era segredo, segundo Seu Mesquita.

Era da natureza de Dusa não se prender muito a um assunto e, cansada de tanto maquinar, decidiu que era hora de voltar à farra.

Sabia que tá pegando fogo no pasto? tá chovendo matinho preto, uma beleza mesmo. E correndo, juntou-se aos escudeiros da rua.

Para eles, a noite havia sido rasgada em tiras fininhas e negras que eram lançadas do céu, suavemente, feito confetes. Festejando e completando o rosário de sonhos, uns menores, outros maiores, porém sempre sonhinhos.

Crônicas Pitorescas

Santo de barriga cheia

Palmyro Masiero

Em outubro de 1717, a imagem de N. S. da Imaculada Conceição foi encontrada partida no Rio Paraíba por três pescadores e imediatamente passou a ser venerada como milagrosa, sendo invocada pelos devotos como Senhora Aparecida. Por quinze anos esteve peregrinando pelas casas dos pescadores e somente em 1732 teve um oratório fixo. Oficialmente, a primeira capela foi levantada no Morro dos Coqueiros e inaugurada em 1745. Plena época aurífera, o movimento dos viajantes pela região, em idas e vindas às minas gerais era intenso e, com raríssimas exceções, a maioria pertencia à religião oficial, a católica. Por todos os recantos da Capitania de São Paulo e Minas foi expandindo-se a devoção a N.S. Aparecida e, com isso, um número enorme de romarias à capela.

Nessa mesma época, 1741, o Cap. Lázaro Fernandes abria um caminho que, partindo de N.S. da Piedade do Guaypacaré (Lorena), rumava para as minas de Caxabá (Delfim Moreira), caminho esse que mais tarde faria surgir o bairro do Piquete.

Feita essa sucinta reconstituição histórica, vamos justificar o nome desta coluna. Em carta datada de 30 de julho de 1756, o Governador da Capitania de São Paulo e Minas, José Antônio Freire de Andrade, chama a atenção do cabo de esquadra Thomas da Costa Salvado, chefe do Registro do Capivari, para o fato de que muitas tomadias de ouro e diamantes foram executadas pelo Registro do Caminho Novo e nenhuma pelo Capivari. Pede maiores cuidados, principalmente pelos “descaminhos”, que podem estar utilizando as romarias de Nossa Senhora Aparecida, “*cuja devossão nos deve causar desconfiança p^a maior cautella nas Rigorosas buscas que Selhes devem dar.*”

Resumindo: desconfiar das romarias, exigindo maior rigor nas revistas feitas ao que portavam.

A peregrinação à capela procurava caminhos mais curtos e, inúmeras vezes, aqueles que não possuíam barreiras ou registros; seguiam os romeiros com aparência de pessoas pias, jornadeando com seus santos geralmente esculpidos em madeira. O caminho aberto pelo Cap. Lázaro Fernandes era uma opção magnífica, encurtava distância e ainda não possuía nenhum empecilho fiscal no trajeto. Muitos desciam em grupos para pagar promessas ou solicitar a proteção da Virgem. Havia, porém, outros, com caras de coitadinhos, que, aproveitando a fé alheia, queriam mesmo era passar o fisco para trás.

Como? Os santos esculpidos em madeira eram perfurados nas suas bases, tornando-se ocos. Na hora da partida ficavam cheios: de ouro e diamantes. O famoso golpe do “santo do pau oco”.

Muitos “santos do pau oco” cruzaram nossa estrada. Agora, se os “arteiros” pediam perdão à Senhora Aparecida pela esparteza do “perjúrio”, juro que não sei.

Carta ao Padre Cícero

A Fundação Christiano Rosa protocolou junto à secretaria da Paróquia de São Miguel Arcanjo, no dia 18 de julho de 2000, uma carta ao Revmo. Sr. Pe. Severino Cícero, pároco de Piquete. Estamos ainda, no entanto, no aguardo de uma resposta.

Abaixo, a íntegra da carta:

“A Fundação Christiano Rosa de Piquete, preocupada com os destinos da nossa tradicional Igreja Matriz de São Miguel erigida na colina frente à Praça Pio XII, por obra dos cidadãos povoadores e fundadores de nossa cidade, e obedecendo à hierarquia aqui representada por Vossa Reverendíssima, solicita a devida atenção aos fatos abaixo arrolados:

- A construção da então Capela, sob invocação de São Miguel, no bairro do Piquete, foi a célula-mater da emancipação político-administrativa do município, conforme consta o Registro da Provisão da Ereção da citada Capela, autorizada por Dom Sebastião Pinto do Rego, Bispo de São Paulo. Essa providência atendia a uma Petição representada por Joaquim Vieira Teixeira e vários moradores do Bairro do Piquete, distrito da cidade de Lorena, conforme documento registrado na Câmara Episcopal de São Paulo, sob “o selo de nossas armas e signal do nosso muito Rev. Dr. Provizor e Vigário Geral”. As providências para a construção foram levadas a efeito pelo Major Joaquim Vieira Teixeira Pinto e o Tenente José Mariano Ribeiro. Esta era, no momento, a condição exigida para que um Bairro fosse elevado à categoria de Freguesia e, como tal, ser a sede de um distrito, e, portanto, de um município, auferindo, por consequência, o direito de ser emancipado e tornado vila.

Foi o que de fato ocorreu, de acordo com a Lei Provincial nº 10, de 22 de março de 1875, (Cf. cópia do manuscrito da pasta referente a Piquete, no Arquivo da Mitra Arquidiocesana de São Paulo, doc. 2 – Livro de Paróquias nº 1, Códice 8-2-23, registrado no Livro de Provisionamentos – ano 1888, nº 6-31).

- Segundo publicação da Folha de Piquete, de 15 de março de 1975, p. 3, uma conclamação dirigida aos piquetenses considera que “neste ano de 1975, nossa velha matriz completa seu 1º centenário”.

Diz ainda a nota: “Nestes cem anos

A antiga matriz, atual Santuário das Almas, quando de sua reforma, em 1975.



Foto arquivo Pro-Memória



Foto arquivo Pro-Memória

Antiga matriz de São Miguel, simbólico marco na emancipação de Piquete.

ela foi a testemunha do batismo, crisma e casamento de seus pais, irmãos e de você próprio”. Acrescenta: “Foi ainda em seu acolhedor recinto que seus entes queridos foram recomendados a Deus quando deixaram esta vida, e onde, por certo, você será recomendado”. Completando, a comissão encarregada da reforma “pretende inaugurá-la” e “por determinação de nossa autoridade eclesiástica ela se chamará Santuário das Almas e nela serão celebradas todas (grifo nosso) as cerimônias fúnebres da paróquia”.

- Testemunhamos, outrossim, a construção e inauguração da Nova Basílica de Aparecida, hoje Santuário Nacional, justificada pela necessidade de maior espaço para o culto à Padroeira do Brasil. Ora, o projeto existia fazia muito tempo e a complementação da obra continua em curso. Entretanto, a antiga Basílica continua ativa, não perdeu seu significado inicial e como tal é cultuada. Os habitantes do município assim o desejam.

Baseados em todas essas considerações, preocupa-nos a possibilidade da mudança do nome da invocação de nossa tradicional sede religiosa e civil, a perda de seus valores de real memória histórica e, embora preocupados com a deterioração e exposição aos riscos que ela tem sofrido, rejubilamo-nos com a notícia de que reformas estão sendo executadas.

Agradecendo a devida atenção aos nossos propósitos da manutenção da tradicional Igreja sob invocação de São Miguel, que, como tal é nossa referência máxima, localizada na construção a que nos reportamos, esperamos uma resposta de acordo com sua representação de autoridade religiosa do município.

Salientamos, outrossim, que é desejo expresso de munícipes que têm se manifestado junto à nossa Fundação de que a citada Igreja não sofra alteração do nome da invocação à qual ela foi dedicada e sagrada.

Pelas providências de uma resposta, solicitamos uma consulta aos trâmites possíveis nesse caso, à vista da semelhança do exemplo citado. Como consideração final lembramos que o direito histórico é uma das principais bases da cidadania.

Renovamos nossos protestos de estima e consideração.”

Cântico das Criaturas

Altíssimo, onipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória, a honra
E toda a bênção.

Só a ti, Altíssimo, são devidos;
E homem algum é digno
De te mencionar.

Louvado sejas, meu Senhor,
Com todas as tuas criaturas,
Especialmente o senhor irmão Sol,
Que clareia o dia
E com sua luz nos alumia.
E ele é belo e radiante
Com grande esplendor:
De ti, Altíssimo, é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pela irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste claras
E preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo irmão Vento,
Pelo ar, ou nublado
Ou sereno, e todo o tempo,
Pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pela irmã Água,
Que é mui útil e humilde
E preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor,
Pelo irmão Fogo
Pelo qual iluminas a noite.
E ele é belo e jucundo
E vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã, a mãe Terra,
Que nos sustenta e governa,
E produz frutos diversos
E coloridas flores e ervas.

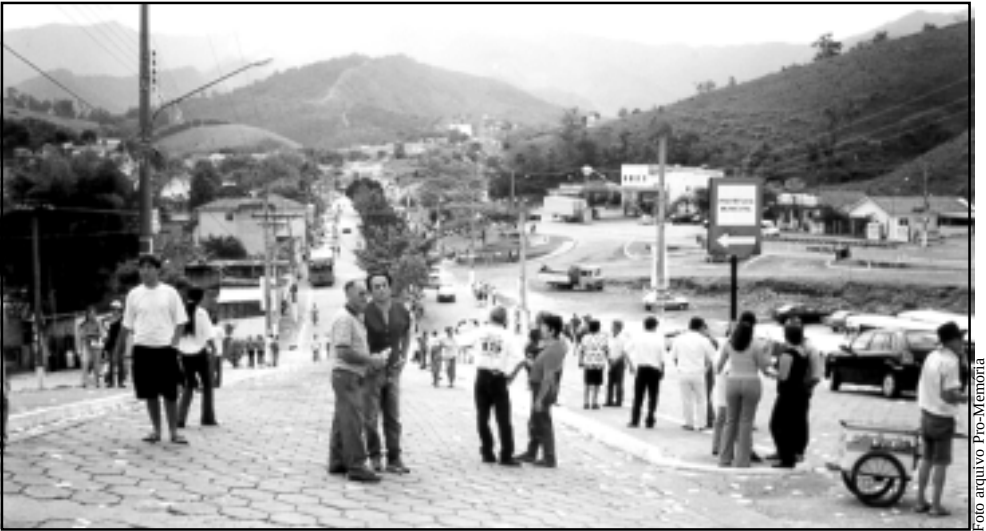
Louvado sejas, meu Senhor,
Pelos que perdoam por teu amor,
E suportam enfermidades e tribulações.
Bem-aventurados os que as sustentam em paz,
Que por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor,
Por nossa irmã a Morte corporal,
Da qual homem algum pode escapar.
Ai dos que morrerem em pecado mortal!
Felizes os que ela achar
Conformes à tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda não lhes fará mal!

Louvai e bendizei a meu Senhor,
E dai-lhe graças
E servi-o com grande humildade.

São Francisco de Assis

As eleições de 1º de outubro



Vista da Av. Major Pedro, repleta de eleitores, nas eleições de 1º de outubro.

As eleições são verdadeiras festas democráticas.

Na de 1º de outubro, a cidade toda saiu às ruas para referendar, através do voto, os que terão a responsabilidade de conduzir o nosso município, nos próximos quatro anos. Participar da escolha dos governantes é uma condição indispensável para que uma pessoa se torne cidadã.

Esperamos que essa mesma população que fez essa festa de maneira espontânea e participativa possa continuar a tomar parte nas decisões que nortearem a vida de nossa cidade.

Da mesma maneira que foi às ruas para festejar os resultados das eleições, mantenha o entusiasmo para comparecer às sessões de Câmara, cobrando dos vereadores ações em prol de nosso município. Os vereadores devem, entre outras funções, fiscalizar as ações do Executivo. Ao cobrarmos do Legislativo, estaremos cobrando do prefeito e, como cidadãos, temos o direito e dever disso.

Os sonhos e esperanças de dias melho-

res para o município, depositados nas urnas no dia 1º de outubro, só acontecerão com a participação da população.

A seguir, estão listados o resultado da eleição para prefeito e os vereadores eleitos, com suas respectivas votações:

Candidatos a prefeito:	
Carlinhos Sessão	3.412
Otácilio	3.343
Cariri	1.937
Lima	774
Celso Colombo	272
Márcio Bonifácio	235
Vereadores Eleitos:	
Clayton Batista	345
Fábio Peixoto	279
Fátima da Loja	212
Claudinei do Jornal	211
Hugo Soares	207
Claudinei da Delegacia	206
Flávio Dentista	205
Zé da Caixa	199
Messias Damico	192
Zé das Moças	156
Irene do Quilombo	156

“Flashes” do dia da eleição



“A educação é o caminho para a democracia.
Não há paz sem evolução dos direitos humanos”

Rigoberta Menchu

**A Fundação Christiano Rosa
parabeniza todos os professores pelo 15 de outubro.**

Notas da Cidade

Lançamentos

□ No dia 09 de outubro, em Lorena, o livro **“Presença construtiva: a relação educador-educando nos programas socioeducativos”**, da colaboradora da FCR, Ermelinda Gonçalves Uchoas.

No dia 27 de outubro, em Lorena, o livro **“A Porta dos Sonhos”**, de Vera Lúcia Machado.

A Fundação Christiano Rosa agradece os convites e parabeniza os autores.

□ São Miguel Arcanjo, padroeiro de Piquete, foi comemorado com festas e novena. Como acontece todos os anos, a quermesse esteve animada, e a procissão, no dia da festa, 29 de setembro, contou com a presença de grande parte da população, sendo seguida por missa solene.

□ No dia 29 de setembro, na Praça da Bandeira, aconteceu o sorteio da Loteria Paulista da Nossa Caixa Nossa Banco, que estampou em seus bilhetes fotos de Piquete. Com a colaboração dos comerciantes da cidade, houve, ainda, sorteio de brindes aos piquetenses. A FCR parabeniza o COMTUR pela excelente iniciativa que divulgou nossa cidade por todo o Estado.

□ O empresário Manoel Medeiros está recebendo turistas em sua fazenda, a Mundo Novo, localizada aos pés do Pico dos Marins, um dos mais belos recantos da Mantiqueira, com uma excelente estrutura para lazer e descanso. É mais um incentivo para o turismo em nossa cidade.

□ O Colégio Objetivo, em parceria com a Prefeitura Municipal de Piquete, concluiu a **“Pesquisa sobre a Demanda Turística – Festa do Peão e Tropeiro 2000”**. Essa pesquisa buscou identificar o perfil sócio-econômico do turista que visita a cidade/Festa, bem como conhecer suas motivações, interesses e opiniões sobre as mesmas.

As informações foram obtidas a partir de pesquisa aplicada durante o evento. Foram aplicados 1.014 (hum mil e quatorze) questionários no período de 01 a 09 de julho de 2000.

No próximo número deste Informativo, estaremos publicando os dados tabulados dessa pesquisa.

IBGE - CENSO 2000

Responder ao Censo é exercer a cidadania!

Se você ainda não foi recenseado, procure o posto do IBGE de Piquete o mais rápido possível, no endereço:

Av. Major Carlos Ribeiro, 35
(Fundo Social de Piquete, próximo ao destacamento da Polícia Militar)